

Ecomuseus Universitários Brasileiros: Desafios e Potencialidades

Vivianne Ribeiro Valença¹, Gelsom Rozentino de Almeida²

Brazilian University Ecomuseums: Challenges and Potentialities

1. Princípios básicos do Ecomuseu

No século XX, a ideia de Ecomuseu teve como pioneiros o Ecomuseu da Grande Lande, no Parque Natural Regional des Landes de Gascogne e a experiência prática, na vila e comunidade urbana e industrial do Creusot, nos anos 1960 e 1970. Foi denominado “Ecomuseu da Comunidade urbana Le Creusot-Montceau-Les-Mines – Museu do Homem e da Indústria.” Nessa concepção, de forma ideal, formula-se o projeto de um museu igualitário, em que toda a comunidade constitui um museu onde não existem visitantes, mas sim habitantes. A essência do museu não reside na exposição, mas na participação. O ponto central deste novo projeto não está no objeto, mas no indivíduo (SCHEINER; SOARES, 2009, p.7).

A ideia de Ecomuseu vai se disseminando pelo mundo, no Brasil, em especial, tornou-se um símbolo de identidade comunitária capaz de encontrar um meio de excepcionalidade centrada no acesso aos meios de apropriação do patrimônio local, utilizando-o como memória coletiva e servindo aos interesses de um grupo que buscava valorizar a sua identidade. Dessa forma, consideramos que, se antes o Ecomuseu nasceu de uma realidade, um contexto histórico e questões sociais específicas de uma dada formação social na França, hoje tornou-se uma “forma” museológica resultante de múltiplas experiências e realidades, tão diversas entre países como Portugal, China, Itália e Moçambique, como também tão distintas em um mesmo país, como o Brasil.

A partir da década de 1970 este modelo de museu vai se espalhando pelo mundo e se expressando de diferentes formas nos territórios e suas comunidades, seja na adaptação e interpretação sobre o patrimônio junto às mais variadas culturas, ou por interesses políticos de investimento na preservação territorial ou turismo patrimonial. O Ecomuseu foi passando por um processo de transformação, construindo seus próprios princípios, características e organização teórica e prática à medida que coloca no centro as comunidades como atores das suas próprias histórias, experiências e representações. Deste modo, potencializa-se as relações

¹ Doutora em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO, mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Coordenadora do Museu do Cárcere e museóloga do Ecomuseu Ilha Grande da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ. <https://orcid.org/0000-0002-1361-842X>. vivianne.valenca@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Coordenador Adjunto do Programa de Pós-Graduação em História Social. Coordenador Geral do Ecomuseu Ilha Grande da UERJ. Coordena o TEMPO - Centro de Estudos sobre Território, Movimentos Sociais e Relações de Poder. Membro da Coordenação Nacional ANPUH. Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. <https://orcid.org/0000-0003-2616-5666>. rozentino@gmail.com

sociais e culturais a partir da inclusão da paisagem, do *in situ*, da biodiversidade, e a perspectiva de relações estabelecidas pelo ser humano, seu meio-ambiente e suas tradições.

Neste sentido, para Vivianne Valença (2021), o ecomuseu é uma das faces do fenômeno museu que se processa na potência das relações entre os agentes sociais e /ou comunidades envolvidas, com seu território e patrimônio. Acontece no presente, revisita o passado e se lança para o futuro, na perpetuação da memória e do saber comunitário para as próximas gerações, tendo como eixo central a transformação social e o desenvolvimento local.

Portanto, de modo geral, para os diferentes países a proposta do Ecomuseu é uma forma de desenvolver territórios e comunidades economicamente prejudicados, com problemas sociais ou com alguma necessidade sociocultural. Ao mesmo tempo, enfatiza o sentimento de recuperação da identidade das comunidades por meio da sensibilização, a partir do patrimônio e da sua utilização para o desenvolvimento local. A forma como o ecomuseu se apresenta em diferentes culturas demonstra sua potência museológica, de articulação e adaptação às relações do homem com seu território e seu patrimônio.

Segundo Vivianne Valença (2021), uma teoria brasileira sobre ecomuseus é formada a partir da construção teórica dos processos museológicos comunitários constituídos por meio das experiências práticas dos ecomuseus brasileiros – aliados a metodologias que visam a ressignificação e valorização das comunidades em relação a seus patrimônios, memória, identidade e território, na elaboração cotidiana de processos relacionais humanos culturais, sociais, históricos e por tanto museológicos.

2. Diretrizes do Museu Universitário

Contextualizados academicamente em múltiplos campos de conhecimento científicos e artísticos, os Museus universitários são aqueles inseridos nas “práticas típicas das universidades e que no seu cotidiano técnico, político e administrativo vivenciam o seu sistema de valores e a sua função social” (RIBEIRO, SEGANTINI, GRANATO, 2019, p.54). Neste sentido, os Museus universitários embora, participem do mesmo universo e compartilhem de bases e conceitos construídos ao longo de ao menos um século pelo campo da museologia, são singulares e diferem em dimensão, diversidade dos acervos, coleções, estruturas e missões e objetivos.

Segundo Cristina (BRUNO, 2022, pág.505), os museus universitários atuam de acordo com três vetores: (I) organização museológica a partir de coleções e acervos de espécimes da natureza e artefatos culturais; (II) articulação em torno de instrumentos de pesquisa e de ensino e das memórias acadêmicas; e (III) desenvolvimento de ações institucionais através de acervos herdados ou adquiridos pelas universidades e assumidos como bases de pesquisa e ensino. Ao lado das potencialidades de produção de conhecimento, ensino superior e extensão de ações comunitárias, esses museus são responsáveis por introduzirem nas universidades a perspectiva preservacionista comprometida com a inclusão social. Deste modo, aos nos referirmos aos ecomuseus podemos considerá-los como instrumentos museológicos capaz de articular o ensino, pesquisa e extensão integrando ainda as comunidades, seus territórios e patrimônios.

Os Museus universitários devem contemplar os princípios e valores e os três pilares da universidade a qual pertence, os aspectos referentes as ações de ensino, pesquisa e extensão de acordo com a Constituição Brasileira de 1988, Art.207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Isso significa que as instituições de ensino superior devem trabalhar esses três pilares de forma equivalente, isso inclui também os Museus Universitários conforme a legislação, pois eles são inseparáveis e essenciais para a construção de uma instituição de ensino superior de qualidade e que atenda às necessidades dos alunos e também da sociedade.

Neste sentido, o ensino tem como um dos seus objetivos segundo a Lei 9.394, de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional é “estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo”, a partir de uma formação

continuada, diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira. A ideia é que essas instituições formem pessoas capazes de participar do desenvolvimento da sociedade brasileira. (Corresponde as atividades voltadas ao aprendizado dos alunos, como as horas destinadas às aulas em sala, laboratórios, atividades de monitoria, entre outras).

A pesquisa baseada na Lei 9.394, de 1996, art.43 sobre a finalidade da educação superior entende que a pesquisa e seu incentivo à investigação científica é uma forma de o homem entender a si próprio e o meio em que vive por meio da ciência, tecnologia, e da criação e difusão cultural. É uma forma de documentar o conhecimento, como patrimônio da humanidade. Além disso, é preciso comunicar esses processos e achados científicos para que sejam incorporados à sociedade. (São ações desenvolvidas com o objetivo de fomentar as atividades de pesquisa dentro das universidades. Geralmente acontecem através da monografia, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ou Iniciação Científica, Pós-graduação, grupos de pesquisa, entre outros).

E a extensão é segundo a resolução nº7, de 18 de dezembro de 2018 que estabelece as Diretrizes para a extensão na Educação superior Brasileira, no Art. 3º é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. (São modalidades de ação extensionista: I. Programas; II. Projetos; III. Cursos de extensão; IV. Eventos; V. Serviços).

Ao relacionarmos os três pilares da universidade – ensino, pesquisa e extensão as ações do Ecomuseu é possível afirmar que o mesmo ao estar inseridos na estrutura universitária, potencializa a valorização e preservação do patrimônio biocultural de uma parcela significativa das comunidades e território a qual pertence. Continuam de forma reiterada verificando as características de seus perfis museológico concomitante ao universitário; realizando diagnósticos internos e externos às universidades; discutindo as reciprocidades entre as ações museológicas desenvolvidas em diferentes museus universitários; buscando interpretar e assimilar ecos locais, regionais, nacionais e internacionais. Esse modelo conceitual de museu está em constante movimento e construção para viabilizar caminhos e estudos seja eles científicos ou comunitário.

3. Ecomuseus Universitários como Museus Híbridos

Segundo Vivianne (VALENÇA, 2021, pág.375) um Museu híbrido – é o termo utilizado para nominar as características de dois modelos conceituais de museus. Neste caso, os Ecomuseu Universitários é um museu universitário por estar vinculado a alguma Universidade e cumprir alguns dos seus princípios e um Ecomuseu por sua denominação e proposta de estreita relação com as comunidades e o território a qual pertencem e que as mesmas delegam como patrimônio.

Assim, os Ecomuseu Universitários, enquanto museu híbrido (por seu um Ecomuseu e Museu Universitário), é capaz de agir em dois “mundo museais” diferentes, numa perspectiva científica e universitária de ação e reflexão, na medida em que também considera as relações e representações simbólicas produzidas no território e nos processos de reconhecimento do patrimônio a partir do olhar comunitário. Utiliza-se de híbrida ação, entre o rigor científico da pesquisa e seus profissionais e as articulações sociais de interesse comunitário. Enquanto um percebe o território como meio de estudo e preservação da vida, a partir da biodiversidade e da ecologia de saberes, o outro percebe este mesmo território como espaço de desenvolvimento das relações sociais, das representações da memória; e na perpetuação deste poder simbólico de vivência e permanência no lugar.

O Ecomuseu Universitário ao ser considerado um museu híbrido, assume diferentes desafios, considerando a singularidade e riqueza na representação e articulação de muitas frentes junto e com as comunidades e território o qual este Ecomuseu pertença.

Assim, ser considerado o Ecomuseu Universitário como um museu híbrido, ganha-se uma dimensão museológica capaz de potencializar a integração entre dois mundos museológicos (Ecomuseu e Museu Universitário) transformando segundo o geógrafo Rogério Haesbaert, (2004) em um território-rede cujas partes se conectam formando novas territorialidades e dinâmicas sociais, que se reatualizam constantemente. Considerando multiplicidade espacial, uma articulação em redes que são, também, imateriais e simbólicas. Nos “territórios-rede”, diversas manifestações locais e globais se entrelaçam, exigindo visão integradora que enfatize os aspectos político, econômico e simbólico, para compreensão da complexa dimensão territorial dos processos sociais.

4. Ecomuseus Universitários Brasileiros

Segundo (VALENÇA, 2021), os Ecomuseus Universitários, são aqueles que pertencem a instituições acadêmicas e tem atribuições vinculadas a missão da mesma inserido em um campo com regras de funcionamento bastante particulares, na atuação, no ensino, pesquisa e extensão. Estes ecomuseus tem recursos próprios, sua gestão e administração são relacionadas a estrutura da universidade, conta com colaboradores e parceiros de diferentes instituições e esferas, pesquisadores e especialistas de conteúdos e assuntos, relacionados ao Ecomuseu, além de contribuir para a produção científica, formação de alunos, capacitação profissional, fornecimento de melhores estruturas para suas atividades, captação de recurso e oferta de cursos. E ainda podem atuar como laboratório experimental das teorias e práticas sobre a museologia comunitária e alguns casos, fornecer empregos para as comunidades. Desenvolvendo projetos, ações e atividades educativas e culturais para e junto as comunidades que atuam. Articulando o saber científico e popular. Porém, existe algumas limitações relacionadas em sua maioria na gestão e/ ou administração do museu pela comunidade, e algumas vezes por ser ligado a universidade não pode desenvolver certas atividades ou envolvimento em conflitos no grupo local. Segundo Ribeiro (2013, p.89),

No âmbito da gestão pública é importante perceber que, quando tratamos dos museus e acervos das instituições de ensino superior públicas, estamos tratando de instituições cuja gestão está vinculada ao funcionamento, regras e impedimentos da administração da coisa pública, com as vicissitudes do bom ou mau funcionamento do Estado brasileiro.

Neste sentido, a autora enfatiza a importância de correlacionar a gestão dos museus com o funcionamento do campo científico, pois, são as dinâmicas internas deste campo – aliadas à gestão da coisa pública no Brasil – que atribuem o lugar dos museus nas universidades. O que Gil (2005, p. 46) afirma ao referir-se que “os museus universitários, como tais, têm características específicas que fazem com que atravessem transversalmente a tipologia museológica”.

A partir da pesquisa desenvolvida na tese de Vivianne Valença (2021), “Ecomuseu Ilha Grande: (RE) pensando conceitos, práticas e dinâmicas de um território musealizado”, realizada no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO, foram mapeados cinco Ecomuseus Universitários no Brasil, são eles: Ecomuseu da Ilha da Pólvora – RS – UFRGS (1999), Ecomuseu Univali – SC – UNIVALI (2004), Ecomuseu Serra de Ouro Preto- UFOP – MG (2005), Ecomuseu Ilha Grande – UERJ- RJ (2007), Ecomuseu Delta do Parnaíba – UFPI- PI (2008) iremos apresentá-los de forma breve como segue abaixo:

O primeiro Ecomuseu Universitário foi o **Ecomuseu da Ilha da Pólvora (RS)**, inaugurado em 22 de abril de 1999, com o apoio do Exército Brasileiro e com a Fundação Universidade Federal do Rio Grande (UFRGS).

O Ecomuseu da Ilha da Pólvora foi inaugurado em 22 de abril de 1999. Conta com o apoio do Exército Brasileiro que conjuntamente com a Fundação Universidade Federal do Rio Grande, viabilizaram a sua criação. Possui sua exposição e os serviços de apoio aos visitantes instalados numa casa em estilo neocolonial, construída na ilha em 1856, para abrigar o paiol do exército, agora totalmente recuperado. Através deste museu, que dista 400m do Museu Oceanográfico, está consolidada uma ação ambiental no sentido de uma proteção mais eficaz do patrimônio natural e cultural da região.

A Ilha da Pólvora é uma das ilhas do estuário da Lagoa dos Patos, possuindo 42 hectares de marismas (áreas periodicamente alagadas pela maré) que servem de habitat para várias espécies de aves, roedores, larvas e juvenis de peixes, moluscos e crustáceos. As marismas da Ilha da Pólvora estão bem preservadas e por isso são utilizadas com propósitos educacionais e científicos. No Ecomuseu são desenvolvidos diversos trabalhos científicos de graduação e pós-graduação, dentre os quais, se destacam estudos sobre a vegetação, os crustáceos, as aves e os roedores. Além disso, o CEFAM (Centro de Educação e Formação Ambiental Marinha) utiliza a área da Ilha da Pólvora para realizar, periodicamente, atividades práticas de educação ambiental. O traslado até a ilha é realizado por embarcação, com saída do píer do Museu Oceanográfico. Sua comunidade é a Comunidade do exército e público universitário conjuntamente com a Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

O local era um depósito de munição do exército e de alguns civis no século XIX. Hoje possui material para ensinar sobre a lagoa dos Patos e a ligação com o mar, explicando o efeito das marés e tudo mais. Existem dois mirantes (um estava interdito) onde é possível ver São José do Norte, Rio Grande e a Ilha dos Marinheiros. O local foi recuperado e começou a se desenvolver um ecomuseu.



Figura 1 Ecomuseu da Ilha de Pólvora (RS). Fonte:

<https://www.facebook.com/Projetarg/videos/eco-museu-da-ilha-da-p%C3%B3lvora/565108726974817/>

Em 2004 foi criado o **Ecomuseu Univali**, o segundo vinculado à universidade que fica localizado na Ilha do Porto Belo, em Santa Catarina e pertence à universidade do Vale do Itajaí. O Ecomuseu Univali é um espaço cultural que atua no resgate e na valorização dos costumes, dos hábitos e da história das comunidades litorâneas de Santa Catarina. Suas exposições, de longa ou de curta duração, oferecem oportunidades de divulgação e de preservação do patrimônio natural e cultural da região. É um atrativo diferenciado que reforça os vínculos entre

as pessoas e o ambiente através da integração de atividades educacionais e turísticas - conhecer a biodiversidade de vida e a história.



Figuras 2 e 3 Ecomuseu Univali. Fonte: <https://www.univali.br/institucional/ecomuseu-univali/Paginas/default.aspx>

Outro Ecomuseu universitário criado em 2005, foi o **Ecomuseu da Serra de Ouro Preto**, localizado no Parque Natural Municipal Arqueológico Morro da Queimada e bairros circunvizinhos às ruínas do “Morro da Queimada” de Santana - São João, São Sebastião e Piedade. O Ecomuseu da Serra de Ouro Preto é um programa de extensão universitária/PROEX/UFOP que visa implementar o desenvolvimento de um processo museológico comunitário nos bairros circunvizinhos às ruínas do “Morro da Queimada”, antigo arraial minerador do século XVIII conhecido como “Arraial do Pascoal”, palco, em 1720, do episódio “Sedição de Vila Rica”: Morros da Queimada, de Santana, São João, São Sebastião e Piedade. O Programa busca a participação de diferentes representações sociais, por meio de ações de curto, médio e longo prazos relacionadas com a Museologia e suas interfaces com a História, a Arqueologia, a Educação e o Turismo. Três projetos integram, atualmente, o referido programa: A Museologia Comunitária aplicada aos bairros da Serra de Ouro Preto; o projeto; e o Inventário Participativo do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto: capital social e turismo comunitário.

Com a finalidade de construir um “plano estratégico” para o território em questão, foi trabalhado o conceito de “cultura viva”, patrimônio vivenciado no seu cotidiano pelas comunidades, seus saberes, seus sabores, suas relações de afeto e de poder, seus conflitos. Nossa meta é a instalação de “núcleos culturais”, de acordo com as especificidades, necessidades e demandas das populações que habitam cada bairro. (MATTOS, 2019).

Durante audiência pública realizada em fevereiro de 2005, no Morro de Santana, foram colocados em discussão temas referentes às questões de preservação e criação do Parque da Cachoeira das Andorinhas, transformando o local em área de proteção ambiental; e do Parque Arqueológico do Morro da Queimada. Nessa ocasião, surgiu a oportunidade de lançamento das primeiras ideias de musealização, recebidas com um misto de curiosidade e desconhecimento do conceito ecomuseu/museu comunitário. Posteriormente, iniciou-se a fase de sensibilização de lideranças locais e, nessa ocasião, o Ecomuseu fez contatos e parcerias - dentre elas, com a equipe do Ecomuseu do Quarteirão Cultural de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro.



Figuras 4 e 5 Ecomuseu da Serra do Ouro Preto. Fonte:
https://www.facebook.com/EcomuseuOuroPreto/photos/?ref=page_internal

Ecomuseu Ilha Grande: universidade e comunidade.

Em 2007, foi institucionalizado o **Ecomuseu Ilha Grande**, localizado no município de Angra dos Reis – Ilha Grande, Rio de Janeiro, cujo processo de criação teve início em 1999, tendo o seu primeiro núcleo sido inaugurado em 2009. Pertence à Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. O qual os autores deste trabalho pertencem e atuam como profissionais

Este ecomuseu teve origem a partir do Termo de Cessão de Uso - datado de 18 de outubro de 1994, assinado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro em benefício da UERJ - estava prevista a instalação na Vila Dois Rios de um museu que buscasse preservar e dinamizar os vários aspectos que envolvem a memória e as características do local e da Ilha Grande. Acatando os dispositivos legais e procurando ampliá-los, a UERJ propôs a criação do Ecomuseu Ilha Grande³, voltado para atividades de preservação, investigação e divulgação do meio ambiente, da história e da vida sociocultural da ilha.

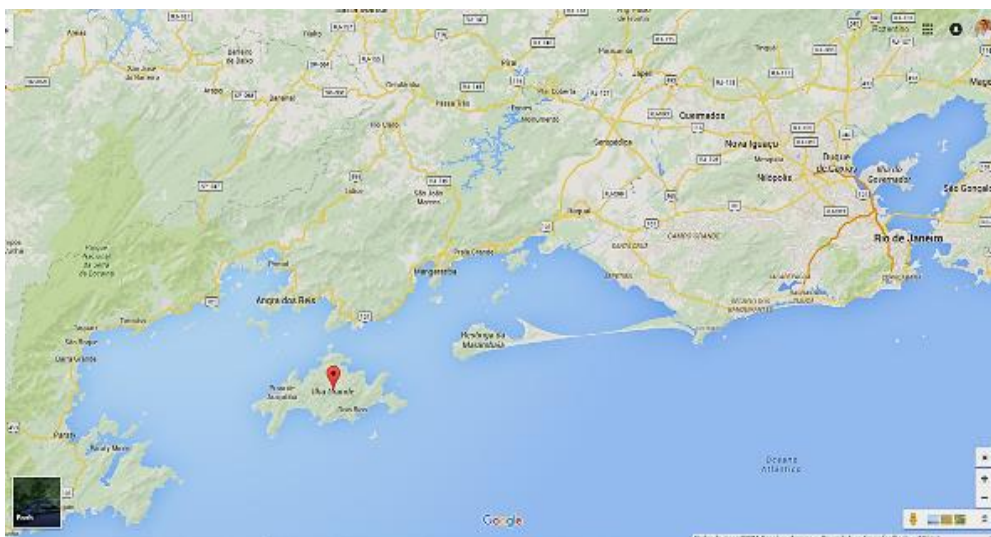


Figura 6 Localização da Ilha Grande, Município de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil (130 km do Rio de Janeiro e 400 km de São Paulo) Fonte:
<http://www.ilhagrande.org/pagina/mapa-de-como-chegar-ilha-grande-vindo-do-rio-de-janeiro>

³ AEDA-016 / REITORIA / 2007, de 20 de dezembro de 2007 – Cria o Ecomuseu da Ilha Grande. Consultado no Arquivo institucional do Ecomuseu Ilha Grande/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

barqueiros, guias informais ou nas pousadas e restaurantes, correndo o perigo de esquecimento da própria identidade, com a perda de costumes e tradições.

Essas circunstâncias resultam em uma riqueza ambiental, histórica e cultural que precisa ser conhecida e preservada. Todos estes fatores contribuíram para que a UNESCO, em 2019, reconhecesse a Ilha Grande, juntamente com Paraty, como parte do primeiro sítio misto brasileiro a ser considerado, simultaneamente, patrimônio cultural e de biodiversidade, um Patrimônio Mundial da Humanidade.

O Ecomuseu Ilha Grande (ECOMIG) é ao mesmo tempo um ecomuseu e um museu universitário, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O ECOMIG é uma unidade da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PR3) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que realiza atividades de preservação, investigação e divulgação do meio ambiente, da história e da vida sociocultural da Ilha. É composto por quatro núcleos: **Museu do Cárcere**, **Museu do Meio Ambiente**, **Parque Botânico** e **Centro Multimídia**. Com sede em Vila Dois Rios, na Ilha Grande, município de Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro. Seu território é a própria ilha; a população local é constituída pelos moradores de Vila Dois Rios, pelas comunidades das praias da Ilha e pela comunidade acadêmica que ali desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão.

Núcleos do Ecomuseu Ilha Grande – UERJ:

- **Museu do Cárcere** – Está instalado em prédios da padaria e da guarda da antiga Colônia Agrícola do Distrito Federal (CADF) e Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM). Tem como proposta servir como importante fonte de reflexão sobre as políticas carcerárias e seus reflexos na sociedade brasileira, a partir da história das sucessivas unidades penitenciárias da Ilha Grande.

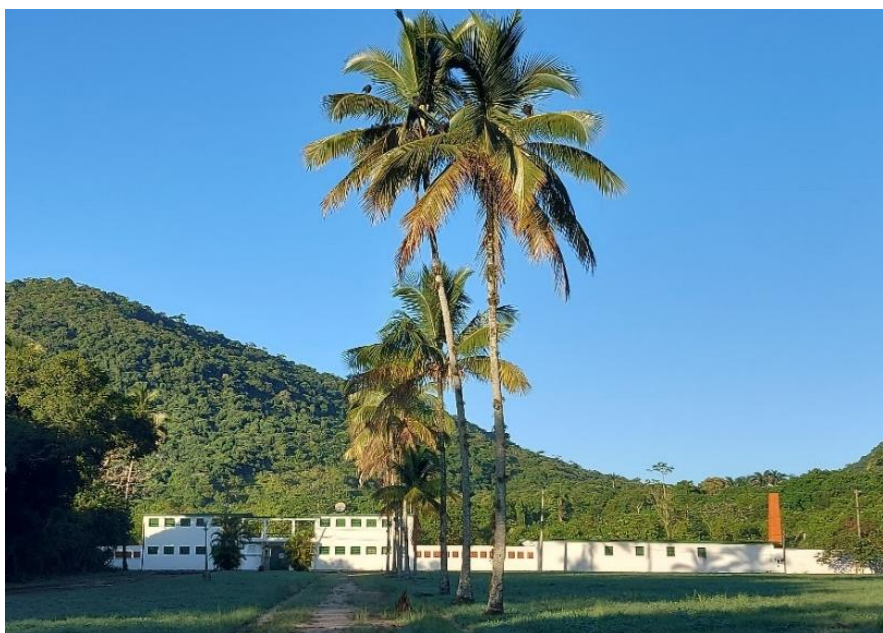


Figura 8 Museu do Cárcere. Fonte: www.ecomuseilhagrande.uerj.br

- **Museu do Meio Ambiente** – A partir de exposições e outras atividades socioeducacionais, tem por objetivo divulgar as questões relativas à biodiversidade e ao uso sustentável do meio ambiente a partir das pesquisas científicas desenvolvidas de forma integrada e individual sobre a Ilha Grande e sua Baía circundante. Está localizado no prédio da antiga fazenda Dois Rios (início do século XIX), posteriormente da Colônia Correccional de Dois Rios (1894).



Figura 9 Exposição “Certos Modos de Ser Caiçara” no Museu do Meio Ambiente. Fonte: www.ecomuseilhagrande.uerj.br

- **Centro Multimídia** – Tem como objetivo contribuir para a pesquisa, registro, divulgação e memória da Ilha Grande em termos de patrimônio, história e cultura, por meio de mídias digitais e acesso virtual.



Figuras 10 e 11 Exposições em Realidade Aumentada, pelo Centro Multimídia. Fonte: www.ecomuseilhagrande.uerj.br

- **Parque Botânico** – Situado no pátio do extinto IPCM, é a primeira coleção de plantas brasileiras organizada sob a forma de acervo ecomuseológico e apresenta como primordial missão: o inventário, a amostragem, o cultivo, a catalogação, a conservação e a exposição das plantas nativas relacionadas à história do homem na Mata Atlântica.



Figuras 12 e 13 Parque Botânico, vista parcial, ao fundo estufa e Casa de Produção de Mudas, e visita mediada. Fonte: www.ecomuseilhagrande.uerj.br

A missão do ECOMIG é incorporar a comunidade como sujeito do processo de desenvolvimento sustentável do território da Ilha Grande, por meio da preservação, pesquisa, valorização e difusão de sua história, memória, cultura, identidade, de seu patrimônio natural, material e imaterial, promovendo a reflexão e a ação consciente. O ECOMIG tem desenvolvido projetos de preservação e recuperação dos patrimônios arquitetônico, histórico, natural e cultural, visando à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos de Ilha Grande, a partir da valorização da memória coletiva, sem desvincular as dimensões ambiental, social, educativa, cultural, política e econômica. Tem buscado proporcionar o encontro, a interseção e a articulação entre os diferentes campos do saber, de forma a contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, ambiental e social.

Um ecomuseu constitui-se a partir do entrelaçamento de diferentes forças sociais colocadas em movimento por uma população local, operando com uma noção de território e um conceito de patrimônio global, historicamente determinados. No caso do ECOMIG, o território é a própria Ilha, ainda que os principais núcleos do museu estejam instalados no *campus* da UERJ, em Vila Dois Rios; a população local é constituída pelos moradores das comunidades da Ilha Grande – Vila Dois Rios, Vila do Abraão, Palmas, Parnaioca, Aventureiro, Provetá, Praia Vermelha, Praia da Longa, Araçatiba, Matariz, Bananal, Sitio Forte, Japariz, Freguesia de Santana e Saco do Céu - e pela comunidade acadêmica que ali desenvolve suas pesquisas; o patrimônio global ou integral envolve os bens naturais e culturais da região. Esse conjunto museal articula-se a uma perspectiva de desenvolvimento socioambiental que tem vínculos estreitos com comunidades globais.

Assim, na interação e integração de saberes, sujeitos e interesses, investe-se no poder transformador do conhecimento e das suas próprias formas de produção, possibilitando a realização de uma “ecologia de saberes”. O ecomuseu torna-se campo de pesquisas múltiplo, abrangendo como objeto de estudo e patrimônio o território da Ilha Grande, com sua fauna, flora, rios, mar, os processos antrópicos, histórias e memórias da população local, dentre outros.



Figura 14 Centro de Convivência, Figura 15 Sede do Ecomuseu Ilha Grande, com Biblioteca Comunitária, Sala do Artesão, Sala Multimídia, administração. Fonte: www.ecomuseilhagrande.uerj.br

Em 2018 foi criado o **Ecomuseu Delta do Parnaíba**, localizado na área de Proteção Ambiental do mesmo nome. Teve origem no bairro Coqueiro da Praia, município de Luís Correia, no estado do Piauí. No território vivem comunidades ribeirinhas, praieiras e deltaicas, detentoras de um rico e complexo patrimônio cultural. Trata-se, igualmente de um território que abriga espécies marinhas em extinção e rica biodiversidade, a exemplo, os manguezais. Para os seus organizadores, a missão e vocação de um museu, nesse caso de um Ecomuseu, é desenvolver programas, ações e projetos de preservação, salvaguarda, documentação, pesquisas, educação, comunicação etc., da paisagem cultural, o que inclui os patrimônios natural e cultural de um dado território. Neste caso a APA Delta do Parnaíba busca o conhecimento, reconhecimento e



Figura 16 Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2022 - ação do Ecomuseu Ilha Grande.
Fonte: www.ecomuseuilhagrande.uerj.br

valorização desse conjunto, promovendo atribuição de sentidos e significados às histórias e memórias das comunidades, com estímulo às reflexões sobre formas de garantir a sustentabilidade (social, ambiental e econômica); e com o envolvimento das populações residentes na constituição do Ecomuseu⁴.

O ECOMUDE acredita em uma gestão dos patrimônios próxima de seus criadores e detentores, é o que justifica a sua opção pela museologia de inovação social, que valoriza as ações socioeducativas dos museus, entendidos como espaços de educação ao longo da vida, de ações culturais e de comunicação, geradores de conhecimento, reconhecimento individual e coletivo, de valorização de culturas e identidades, de estímulo à consciência crítica.

⁴ Uma natureza de museu que necessariamente deve servir como instrumento de informação e educação às populações, para que possam vir a participar ativamente da gestão de seus patrimônios; a entender e valorizar o espaço modificado cotidianamente em suas relações como o meio ambiente.



Figura 17 Ecomuseu do Delta do Parnaíba - PI . Fonte: <https://ecomuseudeltadoparnaiba.ufpi.br/>

Desde 2008, uma equipe de professores e alunos da graduação e pós graduação da UFPI, juntamente com as comunidades ribeirinhas, praias e deltaicas da APA Delta do Parnaíba, iniciou, sob a coordenação das professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, processos de inventário do patrimônio cultural imaterial das artes de pesca e construção de embarcações. Foram diversos projetos de ação, estudos e intervenção nas comunidades, dentre eles a criação de um Mestrado Profissional em Museologia para formação de gestores dos patrimônios.

Em 2018 foi criado o primeiro Polo do ECOMUDE, o Museu da Vila, no Bairro Coqueiro da Praia. Um dos projetos do Mestrado foi a criação de um projeto arquitetônico de reabilitação para novo uso social do antigo Grupo Escolar Deputado João Pinto. Revitalizar com o propósito de instalar o Museu da Vila e o Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí, no antigo edifício localizado na esquina da rua Antonieta Reis Veloso com a Rua José Quirino, no bairro Coqueiro, Luís Correia, Piauí, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. O Museu da Vila é concebido e coordenado pelo Programa de Pós-Graduação, que desde junho de 2018 funciona no antigo prédio. Oferece, igualmente, aos moradores do bairro Coqueiro, a pesquisadores, usuários e visitantes a possibilidade de desfrutarem dos ambientes, partilharem estudos e pesquisas multidisciplinares sobre o território. É um espaço de ações e intervenções educativas e culturais, com foco nas pessoas, nos patrimônios e meio ambiente, associados, dentre muitas marcas de identidade, à pesca artesanal, construção de embarcações, artesanato de fibras de palmeiras locais, linha, madeira, argila, gastronomia e turismo de base comunitária.

A partir dos exemplos apresentados acima, podemos perceber a riqueza e diversidade das iniciativas museológicas apresentadas sob a denominação de “Ecomuseu”; e a potência que este conceito carrega.

A maioria dos Ecomuseus Brasileiros segue a base da Nova museologia e utiliza o museu como ferramenta de transformação sociais; outros preferem focar na questão da preservação ambiental, em estudos científicos e comunitários, ou ainda como forma de homenagear alguém. São inúmeras e diversas as ações e atuações desenvolvidas pelos ecomuseus do país e precisam ser cada vez mais estudadas pelos especialistas da área, por sua importância, força e ato criativo. Vale salientar que nem sempre os ecomuseus do país seguem o conceito implementado na década de 70, apenas repercutindo propostas já realizadas que servem de referência para a criação das novas iniciativas, como uma propagação de “modelos”, que muitas vezes não estão em consonância com a teoria do Ecomuseu. Deste modo, Santos (2017, p.297) afirma que:

O fato das práticas não necessariamente condizerem com as teorias não quer dizer que não sejam práticas bem sucedidas, tampouco que as teorias não possam ser posteriormente apropriadas ou reapropriadas pelas experiências museológicas. Já não basta a democratização do acesso aos museus como público visitante, essas experiências demonstram a importância de núcleos museológicos locais enraizados nas comunidades, espaços culturais cheios de possibilidades quanto à participação democrática – lugares de debates e poder –, à reativação das memórias, à construção e reconstrução de identidades – autoestima e construção da tolerância para com o Outro –, à descoberta e redescoberta de patrimônios etc. (SANTOS, 2017, p.297)

Portanto, a partir das iniciativas apresentadas, podemos afirmar que os Ecomuseus brasileiros são plurais e estão em processo de autoconhecimento, ao mesmo tempo que abrem caminhos para o aprofundamento de pesquisas sobre esse modelo conceitual e prático no país.

Considerações Finais

Os Ecomuseus Universitários têm o poder de integrar os valores universitários e comunitários, adaptar-se às necessidades locais, mas, também globais. Sabe compartilhar experiências, realizar parcerias internas, externas a universidade, participar e ser representado na esfera regional, nacional e internacional, publicar artigos e divulgar suas pesquisas e resultados. Incentiva e viabiliza as comunidades a serem protagonistas dos processos museológicos, mesmo que às vezes se inicie pelo meio externo desta comunidade.

Os Ecomuseus Universitários são capazes de ser híbrido, de ser atuante, produtor e construtor em nível científico e no social. É capaz de articular ensino, pesquisa e extensão, associação de moradores, parceiros de diferentes dimensões, quer sejam locais, nacionais ou internacionais. Os Ecomuseus vinculados as universidades é constituído pelo que produzimos no presente, olhando para o passado e visualizando o futuro na construção contínua das relações humanas, com seu território e patrimônio e integrado aos pilares universitários em sua plenitude e potência na intercessão entre o Ecomuseu e a Universidade.

Referências

- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. Climate actions of the Ecomuseu Ilha Grande (Brazil) for the Sustainable Development Goals. In: BORRELI, Nunzia, DAVIS, Peter, DAL SANTO, Raul. *Ecomuseums and Climate Change*. Milano: Ledizioni, 2022.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. Ecomuseu Ilha Grande: entre ações, desafios e conflitos. In: SCHEINER, Teresa C.; GRANATO, Marcus. (Org.). *Museus e Museologia na América Latina: compartilhando ações para a pesquisa, a qualificação profissional e a valorização de estratégias inclusivas [recurso eletrônico]*. 1ed. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-PMUS/MAST, 2020, v. 1, p. 129-150.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; VALENÇA, Vivianne Ribeiro. *Ecomuseu Ilha Grande: musealização e construção coletiva*. CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, Lisboa: CEIED/Universidade Lusófona, v. 59, p. 77-102, 2020.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; VALENÇA, Vivianne Ribeiro. *Ecomuseo: influencias y musealización del territorio*. In: ACTAS DEL COLOQUIO INTERNACIONAL DE MUSEOLOGÍA SOCIAL, PARTICIPATIVA Y CRÍTICA. Santiago de Chile: Ediciones Museo de la Educación Gabriela Mistral, 2020. v. 1. p. 373-381.
- ALMEIDA, Gelsom R. de, LIMA, Ricardo G. *Ecomuseu Ilha Grande: Ecologia de Saberes*. XI Congresso Iberoamericano de Extension Universitaria, I Encuentro de Museos

Universitarios de Iberoamerica, II Encuentro de Museos Universitarios del Mercosur, Santa Fe, Argentina, 2011. Disponível em: <<http://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/archivos/ponencias/museos/completo/ecomuseu-ilha-grande-ecologi.pdf>>. Acesso em 19 de janeiro 2020.

- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; LIMA, Ricardo G; AMARAL, Ana Luiza Castro do. O Ecomuseu Ilha Grande da UERJ e o Projeto Museólogas de Família: se as vilas não vão ao Ecomuseu, o Ecomuseu vai às vilas. In: IV Encuentro de Museos Universitarios del Mercosur y I Encuentro de Museos Universitarios Latinoamericanos y del Caribe, 2013, Santa Fé. Anais del IV Encuentro de Museos Universitarios del Mercosur y I Encuentro de Museos Universitarios Latinoamericanos y del Caribe, 2013. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/42237/Documento_completo.pdf?sequence=1>. Acesso 25 de janeiro 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.
- GIL, F. B. Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia. In: SEMEDO, A.; SILVA, A. C. F. da. **Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.
- HAESBAERT, Rogério & LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. GeoUERJ. Revista do Departamento de Geografia, UERJ. Rio de Janeiro, nº 5, p. 7-19. 1º semestre de 1999.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- RIBEIRO, Emanuela Souza. Museus em Universidades Públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. In: **Museologia & Interdisciplinaridade**. Vol. II, nº 4, maio/junho de 2013. p. 88-102.]
- SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas / Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa Interunidades em Museologia, 2017.**
- SCHEINER, T. C. SOARES.B.B. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa. p.2469-2489. In: FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo (org.) **E-book do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. A responsabilidade social da ciência da Informação. João Pessoa: Idéia/Editora, 2009.
- VALENÇA, Vivianne Ribeiro. Ecomuseu Ilha Grande: (re)pensando conceitos, práticas e dinâmicas de um território musealizado. Tese de Doutorado em Museologia e Patrimônio. Orientação de Teresa Scheiner. Rio de Janeiro: PPG- PMUS/UNIRIO, 2021. Download: http://www.unirio.br/estudante/ppg-pmus/vivianne_ribeiro_valena.pdf
- VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.